

Setúbal

Há dias, na mata pujante do Luso, reunimos um grupo de casais vicentinos da freguesia de onde sou natural, debaixo de sombras frescas e acolhedoras, respirando o ar puríssimo da floresta, num sossego somente cortado pelo polissonântico chilrear de passarinhos.

Foi um dia cheio de convívio, de alegria, de reflexão e de espiritualidade que nos pôs a alma a transbordar.

O tema foram os Pobres. Mais do que estes, os Marginais.

Não os de Setúbal, Lisboa ou Coimbra. Nada disso. Não partilhamos da alienação abstracta. Debruçamo-nos, sim, sobre os Pobres de algumas aldeias e lugares da nossa paróquia: famílias e famílias onde os pais, atrasados mentais e alcoólicos, têm um número ilimitado de filhos sem qualquer capacidade para os criar, fazendo deles uma multiplicação inumerável de Margi-

nais, vivendo num ambiente de porcaria e promiscuidade indescritíveis.

O grupo, composto de gente jovem mas madura, culta mas aberta, generosa mas humilde, trabalhadora e possuída dum profundo desejo de acertar, criticou a actividade realizada o ano transacto, acusando-a de diminuta, não só em relação às necessidades dos nossos Irmãos, mas até às reais possibilidades de cada um dos componentes.

Surgiram as pistas de uma acção futura. Primeiro o levantamento dos casos mais flagrantemente da freguesia.

Impregnar-nos de espírito cristão e vicentino com vários encontros semelhantes a este.

Ajudar os Pobres a fazer as suas casas. É mais difícil e mais exigente do que fazer-lhas e entregar-lhes a chave com tudo prontinho! A grande tarefa é convencê-los. Convencer também os vizinhos e pedir-lhes ajuda para esta «conversão».

Levá-los a construir ou mesmo arranjar a sua casinha em condições higiénicas, a fim de se lhes poder exigir a limpeza e o asseio das crianças.

Mobilizar gente! Fazer apostolado vivendo a doutrina do Evangelho sem falar n'Ele!... Sem a preocupação, hoje tão em voga, de «dar testemunho».

Expusemos o nosso ponto de vista iluminado por uma certa experiência e algum conhecimento da Palavra de Deus.

O Pobre, sobretudo o Marginal, precisa acima de tudo e primeiro que tudo de amor. Primeiro amor. Amor pater-

Continua na 4.ª pag.

UM ENCONTRO

Não estava quando passaram a primeira vez. Dia seguinte sim — e foi que nos conhecemos.

Foi um encontro que se não esquece facilmente. Motivou-o a morte de um filho, meses atrás, em desastre sem grandeza. Contaram-me. Falaram-me dele. Falaram da abundância do coração. Enquanto ao Pai as lágrimas teimosas saltavam dos olhos, os da Mãe inundavam-se, sim, mas o seu rosto resplandecia num sorriso de aceitação. Um desastre sem grandeza privara-os do filho. Naquela hora eu participava de uma grandeza de alma invulgar. Mistérios da vida, que só Deus sabe e tece!

O acontecimento doloroso titulou-os a uma indemnização, que os queimava:

— Que proporção entre a vida do nosso filho e todo o ouro do mundo, que fosse?!

Não queriam aceitar. Não podiam receber.

Alguém lhes sugeriu a transformação dessa quantia numa «memória» do filho. Por isso vieram. Por isso aqui estavam para combinar o como dessa «memória».

— Sabemos que têm muito onde o gastar e o que fizessem estaria bem feito. Mas compreende! — continuavam em primor de delicadeza — se fosse possível em qualquer coisa que demorasse um pouco a lembrança do nosso filho... A quinta é grande. Têm tractor? Não precisariam de um?

— Temos tractor. Esperamos que dure ainda mais uns anos. O que há muito pensamos é numa máquina *offset*, já que o tempo da impressão tradicional está a passar e vai sendo cada vez mais difícil o emprego de impressores sem conhecimento da nova técnica. De resto, uma tal máquina é, por natureza, mais duradoura e mais expressivamente dedicada à formação dos Rapazes.

— Mas a importância não chegará, com certeza...!

— Não importa. Será talvez «o pontapé de saída» que nos lançará na realização do empreendimento. Teremos de procurar...

A despedida disseram-me que a importância deveria passar dos quatrocentos, mas que contássemos com quinhentos contos.

Procurámos. O casal não foi passivo na procura. E bastaria para o não ser o alvoroço que a ideia lhes deixou!

Procurámos... «Quem procura, acha» — declara absolutamente o Evangelho. As contradições do tempo que vivemos foram

Continua na QUARTA página

Malanje

● Somos vivos e todos com saúde. Um pouco poetas e distraídos no meio da vastidão deste planalto Malanjino.

Os campos estão carregados de capim, que cresceu — cresceu. Há muitos anos que não chovia tanto.

Começaram as queimadas... Serpentes de chamas que aumentam a beleza das noites. Recordas-te?

«Fale-nos dos nossos queridos gaiatos», escreveu há dias um amigo.

Pois, sim. Todos felizes.

Estamos no começo do ano lectivo e mentalizados sobre a urgência e necessidade de estudar.

Também a guerra nos ensinou a olhar mais sériamente para a produção da nossa quinta. Já nos sobram a mandioca, os produtos da horta e a carne. Aprendemos a fazer umas boas funjadas — o nosso prato-rei — e a fazermos pão.

Alguns dos mais velhos já trabalham nos seus empregos. Os mais novos cresceram e vieram outros. Entre eles, dois gémeos que são o nosso enlevo. Tão iguais! Que se não fora o faltar um dentinho a

um, seria preciso pôr um sinal. Tão queridos!

E, como sabes, nem tudo são rosas e dias luminosos... Há sempre um ou outro que não quer e não vê os cálices vermelhos das nossas supotódias.

● «E os nossos Leprosos?» Visitei-os há dias.

Os lábios do Fernando tornaram-se sanguíneos e em ferida... Duas pétalas vermelhas que me desceram à alma e magoam. Há dezasseis anos que nos queremos bem e sempre a doença, embora senhora, se mostrou tolerante. Agora, repentinamente, ficou cruel.

— Fernando...

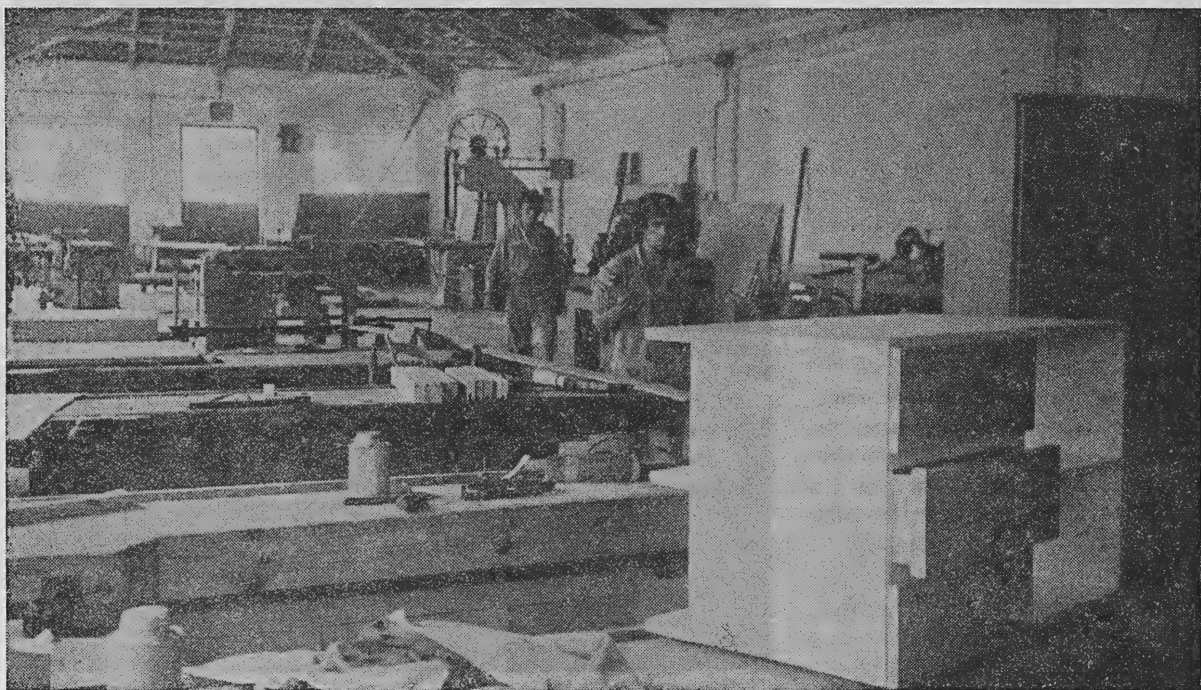
— Traga-nos arroz e batata e um cordeirinho para mim.

— Um cordeirinho?!

— Para brincar.

Um cordeirinho de verdade, à solta, aos pulos. Na Aldeia dos Leprosos não há só uma flor como no «planeta do pequeno príncipe»; há capim verde e árvores grandes. O Fernando, já cego, não verá o seu tesouro... Mas gozará a sua presença deliciosa, os «més» repetidos e os cotos das mãos na lã branca.

Padre Telmo



«O trabalho deles, por mão deles — afirma Pai Américo — é a extinção lenta e sadia dos defeitos que os afligem.»

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

APANHA DA BATATA — Vindo das oficinas, à tardinha, fui dar uma volta pela quinta. De longe deparei com a malta na apanha da batata. Octávio entusiasmava-os. Eles deixavam-se entusiasmar e colhiam o fruto da sementeira que eles próprios haviam feito. Eles saboreiam estas colheitas e não podem ser uns falhados se o mundo não lhes roubar o que aprendem nas nossas Comunidades.

DIA 1 DE JULHO — Dia do Precioso Sangue de Cristo. Aniversário da nossa Casa, onde os passos do Calvário continuam a ser.

Este, como os demais anos, começamos o dia de festa na nossa Capela, em agradecimento Àquele por quem existimos e O vimos na pessoa dos mais enfraquecidos da sociedade.

Depois do almoço toda a malta subiu p'rá «O. M.» a caminho da praia. Lá, cada um saboreou as bathocas e o folgado, mais o lanche que levaram.

RAPAZES — Temos cá três preteiros. E ponho aqui o diminutivo por via das idades. São três reis cá em Casa. Mas há um, ainda bebé, que está na roda dos 8 meses: é o Nelson. O do meio é o Pedro, que tem 20 meses e o último é o Zé-Zé que está na roda dos 3 anos.

Nós não temos gente disponível para estes casos, mas a necessidade obrigou as senhoras da Casa a repartirem-se para poderem ser mães carinhosas destes amores. Que dramas de vidas nos trazem!...

OBRAS — Vem mesmo a propósito. Nós andamos a arranjar as dependências para as senhoras e para os nossos mais pequeninos. Rasgámos janelas, fizemos divisões, pendurámos varandas. Estamos agora à espera do canalizador e do estucador. Eu ando a tratar das portas e janelas. Só te sei dizer que p'rá carpintaria setenta contos não chegam. Os acabamentos, agora é que são elas! Esperamos que nos ouças e nos animes para prosseguirmos noutras remodelações que tanto urgem nesta nossa Casa.

«FUGITIVO» — A alcunha diz tudo. Fugiu muitas vezes e de muitas regressou. Foi cozinheiro, fez o 2.º ano preparatório e foi prá nossa oficina de serralharia. Esteve lá por algum tempo, até que teve que regressar aos trabalhos da quinta para que o serviço do campo o acordasse. Andou algum tempo, até que resolveu fugir de novo. Rodeou a nossa Casa várias noites, com tentativas de roubar. A vida da rua trouxe-lhe outras companhias e foi preso. Saiu e parece que já tem que entrar de novo por via de outros maus procedimentos.

Que os nossos rapazes vejam estes passos do «Fugitivo», para não se deixarem seduzir por liberdades falsas, por facilidades ilusórias que a vossa idade traz.

FÉRIAS — Começou a época dos nossos terem as suas férias na praia. O primeiro grupo é o dos mais pe-

quenos. Galapos, a escolhida, porque era a mais sossegada. Agora também já está muito concorrida, mas mesmo assim é ainda a mais escondida das grandes multidões.

Enquanto os outros se levantam mais cedo, eles ficam ainda na cama. Depois vão almoçar e logo a seguir Renato começa a apitar. Levam lanche e à tardinha regressam e vão p'rá nossa piscina tirar a salina do corpo.

Quem nos dera uma casita na praia!...

EXCURSÕES — Estiveram a visitar-nos excursões das Escolas Preparatórias de Almada e Sesimbra.

Isto já não é novidade nas nossas Casas, mas é bom frisar aqui, para incentivar outros professores a virem com seus alunos verem e estudarem a nossa maneira de viver e a razão de ser das Casas do Gaiato.

Ernesto Pinto

Tojal

FESTAS — Na sequência daquilo que foi (agora sim!) um êxito — a Festa em Loures — veio a nossa presença na Feira desta mesma localidade. É a primeira vez, como o foi a Festa, que tal acontece.

O nosso pavilhão, um pouco desterrado, montado muito à pressa, é acessível. A nossa exposição, essencialmente preenchida com fotografias, tem merecido a melhor atenção e o melhor acolhimento por parte da população do concelho.

Mostramos todo o funcionamento (a vida) da Comunidade. Oficinas, escolas, trabalhos domésticos e do

campo e uma colecção de aspectos gerais.

Embora a alusão maior seja à Casa do Tojal, não falta também uma referência às restantes Casas do Gaiato porque estamos em representação da Obra do Padre Américo — Obra da Rua. Também a ex-Casa de Lourenço Marques está presente, bem como o Calvário e o Património dos Pobres.

E se os Direitos da Criança, colocados ao fundo do pavilhão, são um alerta à consciência dos visitantes, as frases expostas, citações vivas de Pai Américo, não o são menos.

Nem uma palavra de reprovação. Muitas de lamento por isto, por aquilo e por aqueloutro. Muitas de estímulo para que a Obra continue.

Pois continuaremos. Continuará a Obra e continuaremos nós, Rapazes, a atestar a nossa existência e a afirmar que somos tão capazes como qualquer outro cidadão de sermos Alguém. A afirmar que temos capacidade para isso. Porque ser gaiato é algo demasiado grande. Quase indiscutível, senão mesmo. Porque um gaiato é capaz de trabalhar, viver e amar aquilo que é seu. Aquilo (a Obra) que alguém (Pai Américo que Deus já lá tem) idealizou e criou para nós. Porque ser gaiato é não ter tido uma família estável, um lar harmonioso. É ter sido atirado à rua para a vida de vadiagem e de maltrapilho... Porque ser gaiato é procurar fazer seu verdadeiro irmão aquele que é órfão com pai e mãe. Ser gaiato é ser digno testemunho duma Doutrina, duma Obra e duma Pedagogia.

Mas isto não é fácil. Quantas canseiras! Quantos desvios!... Somos (como já disse noutras ocasiões) fracos e limitados. Quem o não é?

Mas, ultrapassando a ideia quase comum de que somos uns «coitadi-

nhos», de que somos uma acusação à sociedade em geral e a cada um em particular. Ignorando os tratos de desdém de que algumas vezes somos alvo, continuaremos sempre. Confiantes que o amanhã será melhor (mesmo que as coisas piorem de dia para dia!), crentes numa sociedade mais justa, mais humana, mais fraterna, onde reine a paz e a justiça entre os homens e o bem-estar social seja uma realidade.

Jorge

Paço de Sousa

PRAIA — Mais um turno que vai e outro que chega.

Pois é, o 2.º turno já se encontra na praia a gozar os belos areões do mar.

Para que os leitores fiquem melhor informados, tenho a dizer que na praia são os rapazes que tomam conta da casa e que, por sua vez, têm de orientar a vida quotidiana da mesma.

Temos também agora mais duas casas ao lado para que os nossos casados possam passar umas férias também descansadas e confortáveis.

Neste momento só nos aflige o problema da água, que não aparece; ou por outra, aparece mas não chega para os gastos das casas dos casados e para a nossa.

Entretanto, e como sempre, só nos resta desejar umas boas férias ao 2.º turno que já lá se encontra.

O «ROLITA» — É um rapaz que não gosta nada de fazer batota num jogo de futebol, como também não gosta que outros façam.

Eu digo isto porque ele é um grande adepto do futebol e o seu clube preferido é o Benfica, tanto mais que ele já parece um «Eusébio» aqui no nosso campo de futebol.

Tem 13 anos e fez este ano a quarta classe. De certeza que vai para a Telescola, tanto mais que ele não é dos mais fraquitos, bem pelo contrário.

Últimamente o problema que se lhe põe é o de querer andar de patins e não os ter. Não haverá por aí uns velhos que sirvam para o nosso amigo «Rolita» que anda com uma vontade...?

Tem cá mais dois irmãos: um já fez o 2.º ano da Telescola e tem neste momento 15 anos de idade. O outro regressou de Espanha há pouco tempo.

Trabalha na lenha e trabalha mais ou menos, até porque já tem idade para se saber portar bem.

Bem, tenho a desejar-te boa sorte na Telescola e que dês o teu máximo.

OBRAS — A nossa tipografia anda em obras.

Estamos neste momento decididos a meter na nossa tipografia uma nova e moderníssima máquina *offset*, que além de ser em segunda mão, não deixa de estar nova.

Assim, já os nossos impressores poderão aprender, um de cada vez, a trabalhar com uma máquina para eles praticamente desconhecida e que por essa razão terá de ser utilizada cuidadosamente.

A sala que até agora serviu para as aulas de Estética Gráfica passará a ser a sala da nova máquina; e por

cima não tinha nada, daí a razão das obras, é que vai ser a sala de aulas.

Com este imprevisto está a casa 4 parada; e ao que parece e ao que se vê, ainda faltará um bocadito para ser acabada.

FÉRIAS — O nosso P.e Moura encontra-se em férias.

Decerto irá passar duas semanas, que esperamos sejam bem repousantes e divertidas como todos nós queremos. Na certeza de que dentro de dias estará connosco. Umhas boas férias e descanse, pois bem precisa para depois melhor poder controlar a vida do nosso campo!

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

A pobre mulher vinha aflita. E cansada. Não seria necessário que no-lo dissesse. Bastaria haver tomado a iniciativa de nos procurar para lhe darmos a mão, no seu doloroso calvário.

Arranjada como é, apesar de doente, trajava o que melhor encontrara no bragal para aquele dia de sol quente, sem dispensar a rica sombrinha — como se diz, e bem, no meu Alentejo — «pequeno guarda-sol para senhoras», conforme o dicionário de Eduardo Pinheiro.

Sem nada lhe dizermos do traje, nós que lidamos com os Pobres há muito ano, ficámos deliciados pela sua atitude, pela extraordinária e salutar nota pedagógica que ela revela a quantos se interessam (ou dizem interessar) pelos Outros, mas só quando andrajosos, quicá marginalizados! É um dos grandes males, senão o maior que por aí grassa. E devemos contestar com veemência!

— Venho pedir a vossa ajuda. O médico já nos disse que o meu marido não tem cura e pode «ficar» de um dia para o outro!

Sem mais, procurámos logo o porta-moedas, que o lugar, já de si, era discreto.

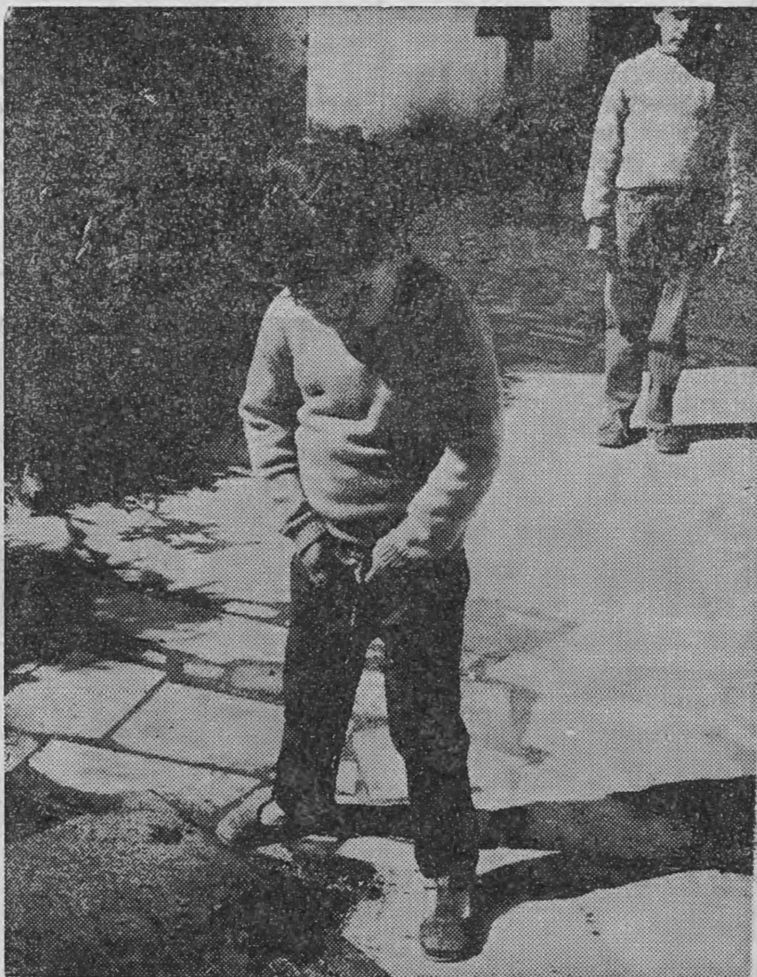
— As doenças levam-nos tudo, apesar dos benefícios da Caixa. Levam-nos tudo, sim senhor. Estamos endividados!

Aqui, uma lágrima traiçoeira surge nos olhos. Confortámos. E despejámos, nas mãos heróicas desta mulher, quanto tínhamos no bolso.

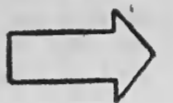
Não interessa o quanto, mas que será alívio para uns dias naquele lar. Mais: teramos de o visitar assiduamente, fornecer aquilo mesmo que o Seguro Social ainda não concede aos beneficiários.

Serena, delicada, ela despode-se com um leve sorriso d'alívio. E damos um aperto de mão com a promessa de que, havendo, terá o seu quinhão. Além disso, também o nosso conforto; mais o nosso desgosto por não existir, ainda, possibilidade de um lar se bastar com a pensão de reforma por invalidez do cabeça de casal.

PARTILHA — Senhora de Espinho manda 100\$00. E cinco vezes mais de «uma Mãe cristã» que nos diz: «Bem



O fotógrafo estava lá. E surpreendeu o pequeno, com naturalidade, a fazer chichi!



ANO ESCOLAR

Com um Verão a andar para trás começaram as férias.

O campeonato das aulas terminou com a vitória daqueles que passaram ao ano seguinte e com a descida de divisão daqueles que se mantêm no mesmo. Nem com as excepcionais condições que as entidades responsáveis reuniram para um número satisfatório de rapazes formarem equipas para os campeonatos das várias séries que compõem a Primária, os resultados deixaram de ser desastrosos.

Na «2.ª divisão» os atletas com menos força de vontade e com grande força para a brincadeira, viram a sua classificação na mesma, ficando por tanto no 1.º ano da Telescola, com a excepção de alguns que conseguiram trepar na tabela passando para o seguinte. O 2.º ano, esse merece uma palavrinha de realce, pois todos passaram, num total de treze, indo nove estudar para o Porto.

No Lar a «primeira divisão» foi muito renhida, havendo só uma fraca classificação devida à mania das grandezas e a um certo deixa correr o ano; tirando esta excepção teremos

sei que é uma migalhinha, mas Nosso Senhor há-de permitir que eu ainda possa mandar mais algum. Peço apenas uma Avé-Maria pelas minhas necessidades, sobretudo pelos meus queridos Mortos.

Rua Rodrigues Cabrilho, 200\$00, «agradecendo a minha operação ter corrido bem». Assim todos se lembrem dos Outros!

Eduardo, do Porto, 50\$00 «por uma graça concedida», frisando que «esta oferta» se destina «a um doente das pernas que mal possa andar». E temos!

Um anónimo de Lisboa — «de todo o coração peço não seja divulgado o meu nome» — entrega 1.000\$00.

Rua Nove de Julho, Porto, 100\$00 «para valer a tantos e dolorosos casos».

Agora, são 250\$00 de Naugatuck para «aliviar as maiores necessidades da Conferência (pois para todos não chega). Que os Pobres peçam por a alma de quem os deixou».

Mais 100\$00 da capital. E 75\$00, também.

Finalmente, outra nota espiritual que sublinhamos:

«Mais uma vez venho à vossa presença para juntar um cheque de 500\$00 que farão o favor de aplicar da maneira que lhes aprouver. Reconhecido ficarei pelo anonimato habitual.

E neste momento, na presença dos Irmãos da Conferência eu queria pedir uma oração ao Senhor para que os bens autênticos desses nossos Irmãos subam até ao Céu e por eles o Senhor Se compadeça de todos nós, e nos ampare; e deste modo todos, sem excepção, nos sintamos atraídos a trabalhar na Sua vinha e dum vez para sempre as trevas desapareçam da terra e surja a Luz. E que isto não seja sonho, mas Vida, Senhor!»

Oração espontânea! Cristo vai na barca.

Júlio Mendes

além dos nove no primeiro ano Unificado, o «Tirolino» e o Alberto no segundo Unificado, eu e o Luís Mendes no terceiro Unificado e o João, que anda a contas com exames; se passar, irá para o primeiro ano complementar.

Com a ajuda das entidades superiores e com a boa vontade do povo que nos rodeia, foi possível reunir duas turmas para frequentar o Curso Nocturno, em Penafiel, onde os resultados foram excepcionais, não só em matéria de passagem de ano, como no convívio e na amizade que os professores dedicaram aos nossos rapazes. Contudo, e isso é que é de lamentar, o Ministério, sem dó nem piedade, decreta que este ano para o Curso Nocturno só haveria aulas se houvesse turmas de 30 alunos, acontecendo que, mais os nossos que se matricularam, o 1.º ano totaliza 9 alunos, estando longe do número ideal.

Portanto eu, em nome da comunidade estudantil, peço aos responsáveis que correspondam às matrículas no primeiro ano, pois arriscamo-nos a ficar sem Curso Nocturno (no primeiro ano, já se vê) o que seria de lamentar — atendendo à idade dos nossos irmãos.

Um outro capítulo: este de matrículas para o ano seguinte (aos leitores já lhes estamos a adivinhar uns sorrisos!). Pois este ano fui o encarregado para fazer essas matrículas. As que correspondem àqueles que já frequentaram o Lar, decorreram normalmente; mas as dos que vão para o 1.º ano Unificada decorreram «maravilhosamente!» A princípio, a ordem era de que os rapazes tinham que ser matriculados no posto da Telescola; até parece que a Telescola pertence a outro mundo! Eu não sei porque é que nas secretarias não estão informados sobre o tipo de ensino que é a Telescola! Depois de abordado este assunto, já era nos estabelecimentos de ensino que as matrículas se efectuavam. E, já agora, os papéis! Com tanta falta dele no mercado mundial, ainda nos andam a impingir mais do que a «montanha» que até agora era exigida. Para qualquer coisa é preciso um requerimento ou uma declaração, acontecendo que daqui por algum tempo a coisa mais insignificante precisa de uma declaração ou de um requerimento com um selo fiscal! A França é a rainha dos papéis, mas Portugal bem se pode apadrinhar com ela pois também pertence ao reino dos papéis...

Se para o ano isto continuar peço a minha demissão de «armazenista» de papéis; ou então faço greve, que era não ir na conversa... Porque para fazer greve já bastam os metalúrgicos que nunca estão contentes.

Morgado

Para além do que temos dito com tanta clareza, é fácil aos que nos lêem com atenção, adivinhar o que fica por dizer e esperar novos rumos para o Lar de S. Domingos. Sem deixar de fazer bem, sem deixar de pensar nos que esperam que lhes demos as mãos, certamente temos de orientar as nossas actividades de modo diferente. Não se trata de fugir a dificuldades que amanhã, ou num futuro próximo, se poderiam vencer. As estruturas legais, porém, são outras, e existem imposições que são obstáculos intransponíveis.

Até ao presente, nas artes e ofícios, os mestres tinham junto de si aprendizes que, passados tempos, também eram mestres. Agora todos são «mestres» mesmo sem saber nada e imediatamente a seguir à instrução primária.

Quem vê justiça na entrega de ordenado certo e nada «simbólico» a um trabalhador que nem sequer sabe pegar nos instrumentos da sua arte, nem tão pouco para que servem e como se chamam?!

Dê-se tempo ao tempo e pague-se a todos o justo e conveniente salário, mas assim não. O médico, o engenheiro passaram vários anos a preparar-se e só depois auferem vencimentos das suas actividades. Há dias perguntava-me alguém como seria daqui por uns anos, quando deixassem de trabalhar os actuais «mestres». Qual será a resposta? Será possível que no futuro, aqui e além, nas sedes dos concelhos e nas localidades mais populosas se multipliquem escolas oficiais de artes e ofícios, onde professores e alunos tenham ordenados não pagos pelos particulares. Dou razão àqueles que dizem que isto já existe, mas em número e em

Partilhando

Temos mais um Júlio. Fiça-lhe melhor o nome que o apelido mais bonito. Vamos ver se aguenta o nome. A mãe veio também a acompanhá-lo e a despedir-se beijou-o com tanta saudade que o miúdo chorou, chorou, agarrado a ela. Uma violência profunda. Mãe pobre, tão pobre que é obrigada a dar-nos o filho... Que mundo, o nosso! Ainda não tem condições que permitam a esta e outras mães terem os filhos junto de si. Trás-os-Montes Mogadouro, Ventoselo — terras esquecidas, porque muito sofrem. São as terras do Júlio. Justiça, venha ela donde vier. Mas que o sentido mais puro das palavras mais caras se continua a limpar!... O que para uns é justiça, para outros, injustiça!

E o Júlio? É uma criança pequena de oito anos de idade com os olhos muito mexidos e que gosta de falar e fazer perguntas. Vi-lhe o primeiro sorriso, quando a mãe já tinha ido embora e o Adegas lhe diz que aqui todos os meninos iam

Lar Operário

em Lamego

condições tais que mais parecem sonho que realidade. Mas tenhamos paciência e saibamos esperar. Entretanto vamos estudar o modo do Lar de S. Domingos continuar a ser útil.

Até chegarmos a uma conclusão convido os leitores a visitar a localidade do Januário e onde ainda vive o António Cesteiro. Podemos dizer que se está a operar uma revolução. Tem havido cursos de aperfeiçoamento em diversos sectores. Os homens e mulheres conjugam esforços e abrem valados para levar água às casas. A juventude convive e prepara-se para récitas e cortejos. Está a funcionar uma tómbola onde as crianças se divertem e compram com «senhas» oferecidas por diminutas tarefas, os brinquedos e guloseimas de que mais gostam. Há alegria nas almas e nos corações. Há tijolos comprados e paredes a levantar-se para o refeitório dos que em pleno Inverno comiam ao ar

livre. Alinda-se o principal lugar do encontro comum aos domingos e feriados. Tudo isto tem sido possível com a ajuda desses cortejos onde, além das ofertas, a juventude canta e ri; e com o produto das récitas e venda das flores e com a cooperação dos que nos lêem, compreendem e amam. Os donativos que vão chegando devem ter um valor especial e são moeda forte, pois o que se tem realizado parece obra de «milagre».

Terminamos com a boa notícia de que vamos dizer sim àquele rapaz que deseja estudar, e que é da mesma localidade. A mãe é viúva e só tem a riqueza dos seus braços para trabalhar e mais dois filhos menores. Há a mensalidade a pagar e os livros e as roupas, mas também há calor nos corações e ainda não acabou o sentido dos Outros.

Padre Duarte

ORDINS

Venho, mais uma vez, à presença dos leitores de O GAIATO mostrar um caso (como deve haver tantos por esse mundo fora). No entanto, muitos passam despercebidos, porque não há quem se interesse por eles. Na medida do possível e, claro, com a vossa ajuda, queria dar uma alimentação condigna a uma doente. Se os medicamentos não forem acom-

panhados com alimentação devida, nada feito. A mãe do doente já tem mais de 70 anos e a saúde também é pouca. Para seu sustento tem apenas 600\$00 de pensão da Casa do Povo, que a mãe recebe.

Aquela senhora de Alcobaca que deu aquela valiosa ajuda para acabar a casa da viúva de que falei em um dos últimos artigos (há talvez quase um ano), só agora tenho a grata satisfação de comunicar, bem assim às outras pessoas que também contribuíram para o mesmo fim, que, por vários motivos, só agora a obra ficou concluída. As moradoras estão muito satisfeitas e nas suas orações agradecem a Deus por todos. Quem faz o bem ao Pobre, é a Deus que o faz. E Deus não se deixa vencer em generosidade.

Agora tenho outro pedido a fazer. É o seguinte: Nos tempos livres fui executando uns trabalhos que desejo vender para acudir a outras necessidades que vão aparecendo. É uma colcha de renda às rosetas, com uma parte azul no meio; mede 2,50 m x 1,80 m e custa 3.800\$00. Uma toalha de linho caseiro, com entremeios de renda, bordada; mede 2,15 m x 1,60 m e custa 4.000\$00. Quem ficar com qualquer dos trabalhos, com certeza irá gostar.

Temos, ainda, feitas no tear, duas colchas de algodão e gaze, muito bonitas, para cama de solteiro; custam 600\$00 cada.

Tomamos conta de encomendas; não só destas, mas de casal, em fibra e algodão, ou todas de algodão; custam 1.500\$00.

Padre Moura

Maria Augusta

TRIBUNA DE COIMBRA

Antes de começar nova volta pelas igrejas de praias e terras desta zona — que será já no próximo domingo — a anunciar a Palavra de Deus, a testemunhar vidas de dor que exigem amor, a receber pão para ser repartido por Irmãos, a inquietar vidas mortas que se instalaram, a apontar injustiça naquilo que se gasta mal — antes de começar a volta, eu queria dizer da alegria que recebemos quando chegam visitas a nossa Casa, ou quando o correio traz alguma coisa para assinar.

Muito mais do que a oferta material, nós saboreamos a presença das pessoas. E quando são grupos? E quando são colégios em visita de estudo? E quando são turmas com seus professores? E quando são grupos só de professores a procurarem luz? Faz-nos tão bem darmos conta de que a nossa vida pode ajudar a iluminar vidas de Irmãos! É tão bom servirmos para alguma coisa!

Vamos dar conta de presenças na nossa vida: 500\$ em vale, de Carcavelos; 120\$ em cheque, de Amigo em Odivelas; 300\$ em cheque de «irmãozinhos» de Mação; 500\$ de professora que veio às nossas oficinas; 250\$ em vale, de Tomar; 200\$ a vendedor, em Castelo Branco e muitas mãos estendidas à porta da Sé, onde comecei a passar de quinze em quinze dias; pão, boroa e cheque de Anadia; 500\$ em vale de Coimbra; vales de Lisboa;

1.000\$ e a visita dum dos nossos. Quero dizer aos nossos casados que, a partir de agora, já temos casa onde podem passar uns dias de férias ou fins de semana e os filhos também têm lugar. A casa ficou acolhedora. É a casa paterna.

Mil e vinte de visitantes de Avelar; os vales mensais de Vilar Formoso; 50\$ em carta; 500\$ de Funcionários dum Centro; 100\$ em carta; 50\$ em carta de Miranda; a anónima mensal de Miranda; a anónima mensal de Coimbra; 2.000\$ em cheque e outro cheque de Albergaria dos Doze; 1.000\$ na caixa do correio e a mesma Senhora já voltou; dinheiro e trigo e mimos que um grupo veio trazer; mais visitantes; as intenções mensais pela Mãe Ana da Covilhã; mais uma boa recordação de Senhora sempre muito nossa e que o Senhor agora visitou com doença grave. O Senhor é um Amigo exigente. Mas continuará a ser um Bom Amigo.

Duzentos de S. Tiago de Ribai-Ul; e todas as cartas e lembranças e embrulhos que vão entregar na Casa do Castelo e o Pessoal da casa sorri de brilho nos olhos quando apareço àquela porta. Cem em carta; 500\$ de Boas Festas; 100\$ mais 20\$ em Santa Cruz; 5.000\$ do Governo Civil. Embora não seja nosso sistema inquietar autoridades, gostamos e queremos estar unidos a todos os de boa vontade. Ofertas para o Calvário; muitos

mimos na minha aldeia e aldeia vizinha; cartas do Estoril; cheque de casal do Fundão que não pôde ir à nossa Festa; outra vez as Amiguitas de há tantos anos! Cheque da Borracha; ofertas entregues aos nossos vendedores. Eles entregam a escaldar de alegria.

Dois mil de médico que visitámos; mais Tomar e Caste-

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Esta é uma coluna de presenças vivas e actuaes; a coluna dos semeadores, que não resistem ao ímpeto das suas almas em ebulição.

Presenças que além de tónico são estímulo. Pois O GAIATO não é só de quem escreve, também de quem o lê. Não quantificamos se mais daqui, se dali; seria profanar.

Em Albufeira, no meio do turbilhão e não só, anda por lá uma revolucionária pacífica a que ninguém resiste! Af está, a cada passo, com novos assinantes. Ora ouçam o fecho da última carta:

lo Branco de quem não conseguiu ir à nossa Festa; a mão escondida de Senhora na sua loja; 500\$ de visitantes de S. João da Madeira; 200\$ a um dos nossos em Fátima; 650\$ pela mão do «Tio Zé» de Fátima; 800\$ em vale, de Coimbra; todas as ofertas que vão levar ao nosso Lar de Coimbra; cheque de Castelo Branco; carta da Covilhã; a mão de sacerdote na Praia de Mira; sacos de batata; 100\$ em vale, da Covilhã; 100\$ de médico visitante; 100\$ da Lousã; 50\$ e mimos na Praia de Mira; duas Senhoras com duas notas na Praia de Mira; 1.000\$ de

Senhora professora que veio a nossa Casa.

O «Lita», quando me veio entregar, vinha abrasado com a oferta. Um casal novo, vindo há pouco de terras que foram o Ultramar Português, veio entregar todo o primeiro ordenado dele e prometer voltar para entregar o dela quando puder. O casal entrou e sentou-se à nossa mesa. Disse do seu voto de querer ter uma vida pobre. Querer aceitar com alegria a doutrina do Pai Nosso. O pão de cada dia basta aos filhos de Deus.

Padre Horácio

«A estes nomes podeis acrescentar mais um novo assinante. Todos vivem aqui, em Albufeira.

Aceitem toda a amizade fraterna da que sente que, na realidade, «quem não vive para servir, não serve para viver».

Palavras duras com objectivo bem definido.

Ilhavo:

«Junto envio esta pequena importância para me inscreverem como assinante de O GAIATO.

Já há muito que o leio e

nele encontro sempre algo que me enriquece.

Admiro O GAIATO e peço ao Senhor que vos guie sempre a seguir o caminho de Pai Américo.»

Sublinhamos o seu voto, como filhos de Pai Américo. Não desejamos mais nem menos.

Valbom (Gondomar):

«Embora não seja assíduo leitor do vosso jornal (por motivos de ordem vária), mas sempre que o leio, medito no que lá vem escrito; e, daí tiro algumas conclusões, entre as quais: que O GAIATO é duma utilidade conjuntiva, um alerta neste País onde ainda a demagogia é farta e o subdesenvolvimento abunda.

O tema seria vasto. Julgo que, apesar de ser dos mais pequenos jornais, é dos mais notáveis em alcance social.

Por tal facto e para que o possa ler mais vezes, gostaria de ficar assinante.»

Se a humildade é a verdade, aí está.

Travanca (Armamar):

«Cada vez me sinto mais feliz em espalhar pelas minhas amigas o vosso jornal. Faço dele um Evangelho na minha terra. Tenho a dizer que arranjei mais uma assinante...»

E mais uma comunidade em ebulição. Venham mais e mais!

Agora, damos nota muito sucinta de todas as presenças: Cucujães, Penalva do Castelo, Vale de Cambra, Coimbra (Gaiato), Rio Tinto, Amadora, Carreira (V. N. Famalicão), Roriz, Baguim (Rio Tinto), Bairro (V. N. Famalicão), Queluz, Praia da Tocha, Coimbra, Loures, Amadora, Funchal, Sintra, Vale de Lobos, Rio de Mouro, Porto e Lisboa uma data deles e Ludwigstrass (Alemanha Federal).

Padre Carlos

Júlio Mendes

Setúbal

Cont. da 1.ª pág.

nal, se ele não é capaz de sentir o amor fraterno. A Igreja é Mãe. Não tenhamos medo que nos chamem paternalistas.

Ele há Marginais que nunca saborearam o amor paternal e embora geradores de filhos, são umas autênticas crianças com uma necessidade enorme de amor de Pai. O Amor nunca é paternalista, porque desinteressado e busca somente o bem de que é seu objecto — o Homem.

O paternalismo não é amor. É sujeição. O homem que ama vai muitas vezes ao Pobre. Não se cansa. Cheira bem o ambiente da sua sujidade e despojamento. Aflige-se. Sente na sua carne o desprezo e a incompreensão dos outros — às vezes religiosos fariseus do nosso tempo — por aqueles a quem se dedica: «Eles são uns bêbados, não querem trabalhar, deitam-se ao sol, são ladrões, são umas..., uns desgovernados, uns porcos, etc., etc...» Acusações que os religiosos ritualistas dos nossos dias terão de voltar contra si próprios se algum dia se converterem a Cristo!...

Padre Acflío

Quase sempre preferem viver «a sua religião». É mais cômoda.

Ensinar aos Outros a compreensão da miséria humana; ter a coragem de lhes dizer a verdade: — Se eu ou você fôssemos filhos deles, gerados de óvulos ou cromossomas queimados de álcool e outras chagas, crescêssemos como eles na mesma promiscuidade e porcaria, não tivéssemos nem amor, nem escola, nem nada, não seríamos diferentes deles.

Tens capacidade de trabalho, de economia? Tens fé e cultura? Tens inteligência e amor? Olha que a Verdade Eterna diz que «todos os Bens descem do Pai das Luzes». Portanto, tu e eu nada somos.

Nem de rastos uma vida inteira agradeceríamos os dons de que desfrutamos.

O Espírito Santo, pelo Vaticano II, de novo clamou o que há muito vem repetindo: «Eu vim evangelizar os Pobres, pregar a libertação aos cativos!...»

Igreja de hoje, desperta! Tens uma capacidade de amor ímpar! E tem-la mostrado através dos tempos!...

Cont. da 1.ª pág.

a ocasião. Uma máquina com duas tiragens feitas, nova portanto, ficou parada cerca de dois anos. Da Suíça, a fábrica mandou entregá-la aos seus representantes. Estes dispuseram dela para nós pelo preço de então. Agora seriam mais 50%.

Vasculhámos todas as gavetas e pudemos juntar ao «ponta-pé de safada» o necessário para o primeiro «gol». Com o resto do equipamento indispensável ficamos comprometidos em oitocentos contos. Teremos vinte meses para vencer o desafio. Trabalharemos. Confiamos.

Um velho Amigo a quem revelámos esta encruzilhada feliz, respondeu-nos, de lágrimas nos olhos: — Mas ainda haverá quem seja agnóstico?!

É verdade! Como não ver em tudo isto, que homens e acontecimentos são instrumento que Deus maneja para proporcionar um bem que sempre quer, mas só Ele sabe quando e como deve ser consumado?! Tem sido sempre assim a nossa vida. Seria impossível suportá-la se duvidássemos do comprometimento de Deus nas nossas tremendas responsabilidades.

Desbravado o caminho, dessemos ao casal que tudo esta-

UM ENCONTRO

va a postos. Foi um serão, feliz, feliz, feliz! Entregue o cheque, verifiquei que em vez de quinhentos, ele dizia seiscentos.

— Que é isto?! Não foi o que combinámos!

— Deixe lá, o «câmbio» deu assim! — foi a resposta sorridente e feliz.

Quem nos conhece a fundo e sabe do Único com que nos comprometemos e queremos ficar comprometidos até ao derradeiro suspiro, o Evangelho, sabe, por isso mesmo, que o «côbulo da Viúva» foi e será sempre o festejado entre nós.

Neste encontro, o avultado da quantia não vale senão como sinal de Deus de que chegara a hora da nossa *offset*... e de nos metermos em mais trabalhos.

E a doçura de uma comunidade de almas que não se extinguirá.

